



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
TOCANTINS



PROFEPT
INSTITUTO FEDERAL
Tocantins

Curriculo aquilombado:

**caminhos outros para
uma interculturalidade
na Educação Profissional
e Tecnológica do
Tocantins.**

Curriculo aquilombado: caminhos outros para uma interculturalidade na Educação Profissional e Tecnológica do Tocantins.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
TOCANTINS



Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araújo, Sandra Regina Evangelista

Currículo aquilombado [livro eletrônico] :
caminhos outros para uma interculturalidade na
educação profissional e tecnológica do Tocantins /
Sandra Regina Evangelista Araújo. -- Palmas, TO :
Ed. da Autora, 2024.

PDF

"Criado a partir da dissertação intitulada "O
lugar da cultura quilombola na organização do
currículo integrado da EPT : um estudo no Instituto
Federal do Tocantins-Campus Palmas", desenvolvido no
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e
Tecnológica, ofertado pelo Campus Palmas, do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Tocantins".

Orientadora: Khellen Cristina Pires Correia
Soares.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-27013-5

1. Antirracismo 2. Cultura afro-brasileira
3. Educação e cultura 4. Quilombos - Brasil
5. Educação profissional e tecnológica 6. Educação -
Currículos - Aspectos sociais 7. Educação -
Tocantins (TO) I. Soares, Khellen Cristina Pires
Correia. II. Título.

24-244378

CDD-370.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e cultura 370.9

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Descrição técnica

Título do Produto: Currículo aquilombada: caminhos outros para uma Educação intercultural na Educação Profissional e Tecnológica no Tocantins.

Origem do Produto: Criado a partir da dissertação intitulada “o lugar da cultura quilombola na organização do currículo integrado da EPT : um estudo no Instituto Federal do Tocantins-Campus Palmas” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Palmas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins.

Área do conhecimento: Ensino

Linha de pesquisa: Organização e Memória dos Espaços Pedagógicos na EPT.

Público-alvo: Professores, coordenadores pedagógicos, diretores, alunos, servidores do IFTO-Campus Palmas e demais interessados em conhecer a história e a cultura de comunidades quilombolas do estado do Tocantins

Categoria do produto: Cartilha digital / institucional

Finalidade: Fornecer, principalmente para a sala de aula, um material de apoio que fale da história e da cultura de povos quilombolas do estado do Tocantins.

Organização do Produto: Este produto é composto por uma cartilha dividida em 8 (oito) seções, contendo textos e fotografias que ressaltam a história e cultura das comunidades quilombolas do estado do Tocantins.

Registro: Biblioteca João Pedro II do IFTO/ Campus Palmas

Disponibilidade: Irrestrita, desde que sejam respeitados os direitos autorais.

Divulgação: Formato digital no site:

<https://educapes.capes.gov.br/>.

Idioma: Português

Cidade: Palmas -TO

País: Brasil

Ano: 2024



Autoras



SANDRA REGINA EVANGELISTA ARAUJO

Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins/Campus de Porto Nacional, Especialista em Gestão Pública e Legislação pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Assistente Administrativo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Arraias, Tocantins.



KHELLEN CRISTINA PIRES CORREIA SOARES

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Ciências da Educação Superior pela Universidade Católica de Goiás (2006). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Tocantins (2013). Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (1999). Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Professora do Mestrado PROFEPT e do curso de Licenciatura em Educação Física do IFTO. Experiência na área de Educação Física com ênfase na perspectiva interdisciplinar, sendo os seguintes temas o foco dos meus estudos: lazer, educação física, educação intercultural e estudos étnicos e raciais.

Sumário

1. Apresentação	06
2. Introdução	07
3. As Comunidades Quilombolas do Tocantins	10
4. A cultura das comunidades quilombolas do Tocantins	16
4.1 Comunidade Quilombola Cocalinho	20
4.2 Comunidade Quilombola Morro do São João	23
4.3 Comunidade Quilombola Mumbuca	25



Comunidade
Quilombola Barra da
Aroeira, Dança do
Lenço - Foto:
turismo.to.gov.br



Comunidade
Quilombola
Cocalinho, dança
Lindô - Foto: Ninho
Cultural



4.4 Comunidade Quilombola Barra da Aroeira	27
4.5 Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra	30
4.6 Comunidade Quilombola Dona Juscelina	33
5. Processo de reconhecimento e certificação	36
6. Direitos para os Quilombos	38
7. Sugestões para disciplinas curriculares	42
8. Trabalhos sobre as Comunidades Quilombolas do Tocantins	46
Referências	61

1 - APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na linha de pesquisa Organização e Memória dos Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica-EPT e faz parte do macro projeto 5 Organização do Currículo Integrado, o qual abriga projetos que trabalham na perspectiva da organização do currículo integrado na EPT.

A partir dos resultados encontrados na pesquisa de mestrado intitulada “ O lugar da cultura quilombola na organização do currículo integrado da EPT: um estudo no Instituto Federal do Tocantins/Campus Palmas”, objetivou-se criar uma cartilha digital de orientação para ser um instrumento de busca e auxiliar tanto professores, coordenadores pedagógicos, diretores, alunos, servidores, do IFTO-Campus Palmas e demais interessados no tema, a conhecer a história e a cultura de comunidades quilombolas do estado do Tocantins. A intenção foi fornecer, principalmente para a sala de aula, um material de apoio que fale da história e da cultura de povos quilombolas desse estado.



A cartilha é composta por material textual acerca da história e da cultura dos povos quilombolas, documentos que representam os marcos legais para eles e também uma espécie de banco de dados, com uma seleção composta por livros, artigos, teses, dissertações e documentários, que abordam história, modo de vida e cultura das comunidades quilombolas do estado do Tocantins, com vários QR code de acesso. Além disso, há, em várias páginas desta cartilha, pequenos trechos do livro "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade" da autora bell hooks, o qual foi uma das inspirações para a elaboração desta cartilha.

Este material se justifica devido à escassez ou até mesmo falta de material relacionado ao tema para se trabalhar em salas de aula. O produto cria possibilidades para a ressignificação do lugar ocupado pelos quilombolas no currículo do EMI da EPT, contribuindo para uma Educação Intercultural que valorize a história e a cultura afro-brasileira e africana, e desconstrua padrões discriminatórios, racistas e excludentes.





Comunidade
Mumbuca - Foto:
Adetuc/Governo do
Tocantins



2 - INTRODUÇÃO

Os negros africanos trazidos para as Américas na condição de escravos eram submetidos a todo tipo de violência, desde a violência física, como os castigos e a exaustão pelo trabalho forçado, como também a violências psicológicas, que incluíam a dissolução de vínculos familiares, a proibição de manifestações de crenças religiosas e práticas culturais de suas regiões de origens.

Diante de um sistema cruel que lhes negava a condição de humanos, os negros escravizados nem sempre costumavam aceitar essa cruel realidade que lhes foi imposta e resistiam das mais variadas formas. Essa resistência, de acordo com os autores Moura (1981) e Arruti(2006), incluía motins, insurreições, assassinatos, suicídios e fugas, estas que, em sua grande maioria, resultaram na formação dos quilombos. “(...) este último vai se configurar como o fato espacial mais expressivo, distribuído por quase todo o território brasileiro,”(ANJO, 2006, p. 09)

Segundo o antropólogo Munanga (1996, p, 58), pesquisador brasileiro-engoles, “o quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantos (kilombo, aportuguesado: quilombo)”. Para o autor, os quilombos são originários do continente africano. Por terem sido trazidos para o Brasil no período escravocrata, esses movimentos quilombolas foram espalhados em todo território brasileiro, conforme afirma Moura (2021): “No Brasil, o quilombo marcou sua presença durante todo o período escravista e existiu praticamente em toda a extensão do território nacional” (MOURA, 2021, p. 24).

Estudos e pesquisas mostram que, além dos quilombos que surgiram em varias partes do território brasileiro no período da escravidão, outros foram formados também após a abolição dos escravos em 1888, uma vez que viver em quilombos “ continuou a ser, para muitos, a única possibilidade de viver em liberdade”(BRASIL, 2005, p. 9).

Nestes espaços, embora vivendo relegados à própria sorte, pois não possuíam qualquer patrimônio ou condições financeiras, os negros e negras aquilombados conseguiram manter e preservar sua identidade através das suas manifestações culturais. "É possível afirmar que a ligação com o passado reside na manutenção de práticas de resistência e reprodução do seu modo de vida num determinado local, onde prevalece a coletividade dos bens materiais e imateriais," (BRASIL, 2005, p. 10).

Ao longo da nossa história, foram várias as definições que surgiram para designar o termo quilombo, as quais variam muito de autor para autor, mas, em sua essência, são muito parecidas.

Aqui no Brasil, este conceito, ao longo da história, foi utilizado para se referir aos quilombos apenas como espaço de negros em fuga, e não fazia menção a questões relacionadas às representações culturais, religiosas e identitárias que esses povos carregavam para esses espaços. Para a autora Moura (1999), "o termo quilombo não se refere apenas a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica (...)." (MOURA,1999, p.102-103).

Para a autora, a resignificação do termo se sobrepõe ao conceito de espaço de negros fugitivos, ela aponta que, "(...) sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos na consolidação de um território próprio." (MOURA,1999, p.102-103).

O autor Arruti (2006) também fala do termo quilombo nesta concepção de espaço histórico e mantenedor de manifestações culturais.

O conceito contemporâneo de quilombo efetivamente deu tradução legal a uma demanda coletiva pela pluralização dos direitos, sustentado na observação da diversidade histórica, étnica e cultural da população compreendida pelos limites territoriais do Estado brasileiro. (Arruti, 2006, p. 338)

Na perspectiva de Arruti (2006), além da visão conceitual e política que dá suporte ao termo quilombo, há também a base histórica, cultural e social que amplia a significação do termo. Hoje, são territórios de resistência cultural e deles são remanescentes os grupos étnicos raciais que assim se identificam. (BRASIL, 2005, p.10).



"(...) os educadores têm o dever de confrontar as parcialidades que têm moldado as práticas pedagógicas em nossa sociedade e de criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar o conhecimento". (HOOKS, 2013, p. 23)



Livro Quilombolas do
Tocantins: Palavras e
Olhares - Foto: DPE-
TO/ Loise Maria e
Silva



3 - AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

A história do surgimento de boa parte das comunidades quilombolas do estado do Tocantins está ligada às descobertas de ouro em várias partes desse território que era conhecido, na época, como antigo norte goiano, dando origem à mineração, uma atividade econômica praticada no século XVIII até meados do século XIX.

Apolinário (2007) aponta que “a bandeira chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva descobre as primeiras minas auríferas da futura capitania de Goiás em 1722” (APOLINÁRIO, 2007, p. 41). Ainda segundo Apolinário (2007), “a atividade de mineração teve como elemento fundamental o trabalho escravo”. (APOLINÁRIO, 2007, p. 41)

Para trabalhar nas recém descobertas minas de ouro do norte goiano, foram trazidos para essa região centenas de africanos escravizados, os quais, por muito tempo, representaram a mola propulsora dessa atividade econômica.

Enquanto economia colonial, a mineração teve como elemento fundamental o trabalho escravo. A busca incessante de grandes descobertas auríferas, impulsionada pelos incentivos econômicos, sociais e políticos da metrópole, facilitou a utilização em grande escala da mão de obra africana. (APOLINÁRIO, 2007, p. 41)

Para a autora, todos os processos da atividade mineradora foram realizados pelo trabalho escravo, pois centenas de africanos escravizados faziam o trabalho de extração do ouro encontrado nas minas.

Como em toda região brasileira oriunda da mineração, que teve o trabalho escravo como mola propulsora da economia, aconteceram as revoltas e as fugas dos africanos e africanas escravizados, cuja meta era a sua liberdade e também sua afirmação identitária. Assim, houve a formação dos quilombos.

No estado do Tocantins, antigo norte goiano, não foi diferente. Segundo a historiografia, inúmeros quilombos se formaram nessa região ao longo dos tempos, como afirma Karasch (1996): “Toda localidade mineira de Goiás, já se disse, vivia à sombra dos quilombos”. (KARASCH, 1996, p. 244). A autora aponta ainda que,

Embora possamos conhecer as razões de ter sido possível a formação de quilombos em Goiás, seu número exato é desconhecido. A afirmação mais comum nas fontes do século XVIII é que eram “numerosos”. (KARASCH, 1996, p. 245).

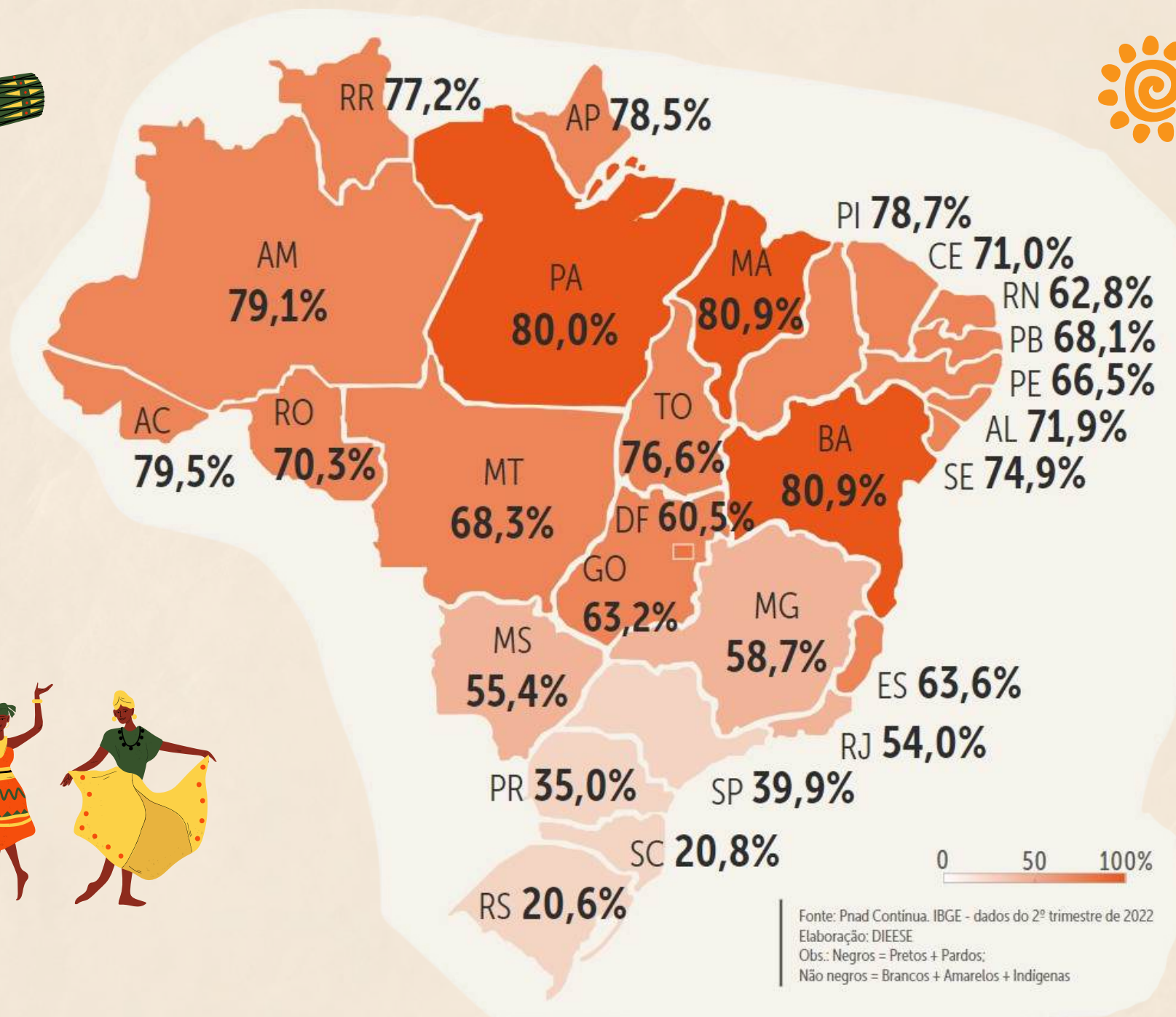
A partir da fala dessas autoras, percebemos que os africanos escravizados trazidos não só para a região do antigo norte goiano, como para o território brasileiro como um todo, buscaram de toda forma meios de defesa e afirmação da sua liberdade, lutaram contra as crueldades impostas pelo sistema e se organizavam para as fugas e, conseqüentemente, houve a formação dos quilombos.

Além das comunidades quilombolas que se formaram a partir da mineração, no Tocantins, existem também as comunidades cuja origem não está ligada à atividade da mineração, nem tampouco ao período escravocrata. São comunidades que se formaram a partir da fuga de outros estados. “Os africanos fugidos do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco percorreram a rota do sertão com destino ao norte e nordeste de Goiás.” (LOPES 2009, p 04)

A forte presença do africano escravizado nessa região influenciou e continua influenciando tanto a composição da população tocantinense, como também as manifestações culturais do estado. De acordo com dados do IBGE (2022), a população do estado é composta, em sua grande maioria, por negros e negras.



Livro Quilombolas do
Tocantins: Palavras e
Olhares - Foto: DPE-
TO/ Loise Maria e
Silva



Outra influência da presença do africano escravizado aqui no Tocantins é o quantitativo de comunidades quilombolas existentes na atualidade em várias partes do território tocantinense. Hoje o estado possui 46 comunidades reconhecidas e certificadas pela Fundação Cultural Palmares-FCP, como mostra o quadro abaixo:

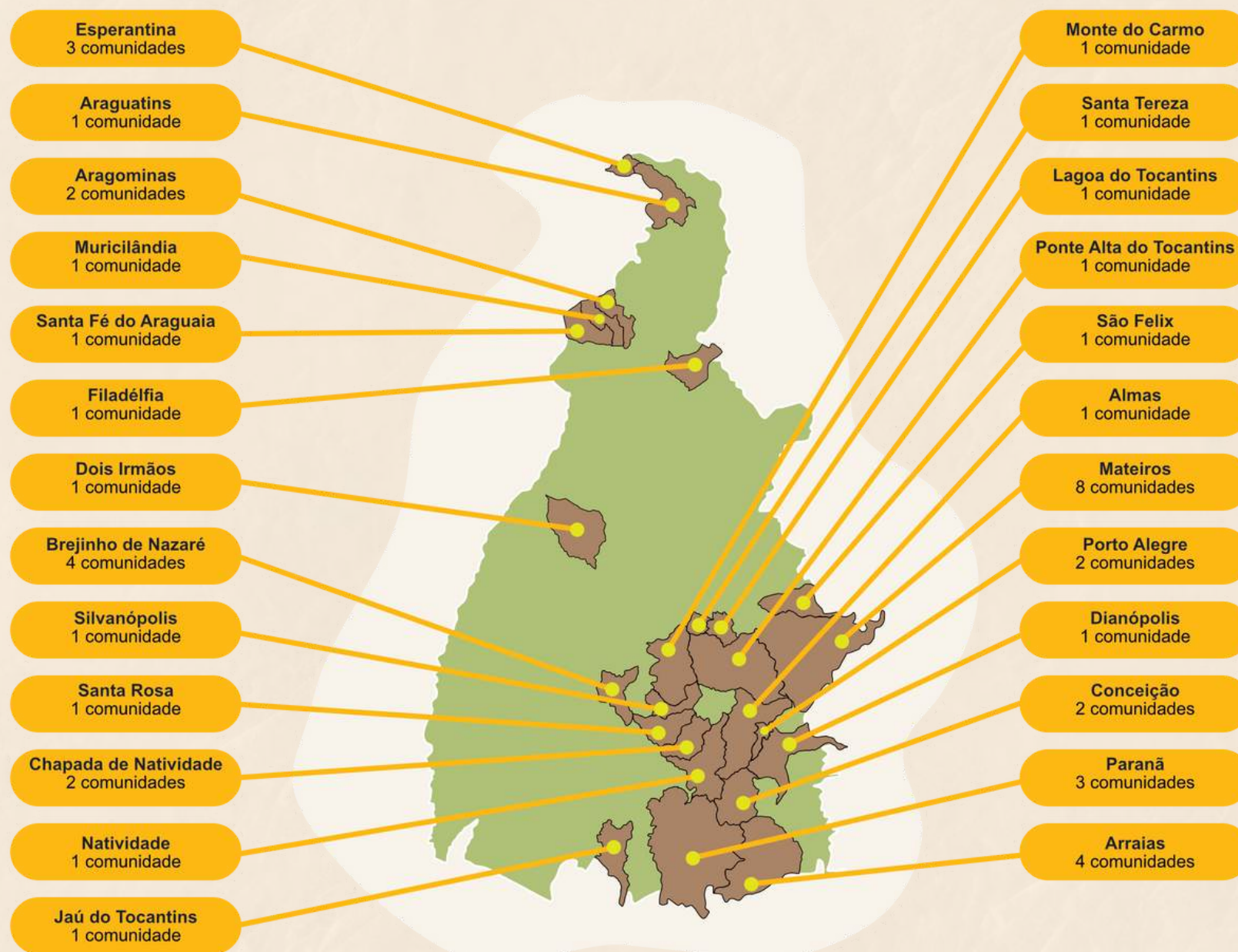
Item	Comunidade	Município
1	Baião Almas	Almas
2	Projeto da Baviera	Aragominas
3	Pé do Morro	Aragominas
4	Ilha de São Vicente	Araguatins
5	Lagoa da Pedra	Arraias
6	Kalunga do Mimoso	Arraias
7	Kágados	Arraias
8	Lagoa dos Patos	Arraias
9	Córrego Fundo	Brejinho de Nazaré
10	Malhadinha	Brejinho de Nazaré
11	Curralinho do Pontal	Brejinho de Nazaré
12	Manoel João	Brejinho de Nazaré
13	São José	Chapada da Natividade
14	Chapada da Natividade	Chapada da Natividade
15	Água Branca	Conceição do Tocantins
16	Matões	Conceição do Tocantins
17	Lajeado	Dianópolis
18	Santa Maria das Mangueiras	Dois Irmãos

Item	Comunidade	Município
19	Carapiché	Esperantina
20	Ciriaco	Esperantina
21	Prachata	Esperantina
22	Grotão	Filadélfia
23	Rio das Almas	Jaú do Tocantins
24	Rio Preto	Lagoa do Tocantins
25	Mumbuca e Arredores	Mateiros
26	Carrapato	Mateiros
27	Formiga	Mateiros
28	Ambrósio	Mateiros
29	Rio Novo	Mateiros
30	Rio Preto	Mateiros
31	Riachão	Mateiros
32	Boa Esperança	Mateiros
33	Mata Grande	Monte do Carmo
34	Dona Juscelina	Muricilândia
35	Redenção	Natividade
36	Claro	Paranã
37	Prata	Paranã

Item	Comunidade	Município
38	Ouro Fino	Paranã
39	Lagoa Azul	Ponte Alta do Tocantins
40	Laginha e Áreas Vizinhas	Porto Alegre
41	São Joaquim e Áreas Vizinhas	Porto Alegre
42	Cocalinho e Arredores	Santa Fé do Araguaia
43	Morro de São João	Santa Rosa
44	Barra do Aroeira	Santa Tereza
45	Povoado do Prata e Arredores	São Félix do Tocantins
46	Raiz do Quilombo	Silvanópolis



As 46 comunidades quilombolas reconhecidas e certificadas apresentam um quantitativo populacional de 12.881 pessoas, como aponta o IBGE (2022). A ilustração a seguir mostra a distribuição das comunidades no estado do Tocantins.



Essas comunidades quilombolas localizadas de norte a sul do estado possuem características específicas que diferem uma das outras, mas no geral apresentam semelhanças no que se refere aos costumes e tradições, no respeito pelo sagrado, no uso e na ligação com a terra.

Elas continuam preservando esses princípios e mantendo suas tradições culturais, celebram a vida com suas danças e festas tradicionais e, assim, reforçam o sentimento de pertencimento ao grupo e fortalecem sua identidade.



Certas pessoas acham que todos os que apoiam a diversidade cultural querem substituir uma ditadura do conhecimento por outra, trocar um bloco de pensamento por outro. Talvez seja essa a percepção mais errônea da diversidade cultural. (HOOKS, 2013, p. 49).



Comunidade
Quilombola de
Lajeado, município
Dianópolis - TO. -
Foto: Fernanda Costa



4 - A CULTURA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

O QUE É CULTURA

Alguns estudiosos mostram que a palavra cultura é estudada em diversas áreas do conhecimento como: antropologia, sociologia, filosofia, história, economia, entre outras, uma vez que ela abrange vários aspectos e características de um grupo de pessoas, como língua, religião, culinária, dança, vestimentas, músicas, artes e outras.

Para a autora Candau (2007), cultura corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classe social, grupos étnicos) e períodos históricos , (CANDAU, 2007, p. 27). Nesse sentido, a cultura só existe em função das ações humanas, ao criar símbolos, significado e valores, os quais vão adquirindo sentido para sua vida, os homens produzem cultura.

O autor Silva (2006) afirma que cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social, ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas.

Para o autor Stuart Hall (2003), cultura significa

“(...) os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas(...)” (HALL, 2003, p. 142).

Assim, de acordo com o autor, cultura acontece quando os homens interagem e organizam o seu modo de vida, com base nos valores e significados que vão adquirindo ao longo dos tempos.



Desta maneira, a cultura acontece quando os homens interagem e organizam o seu modo de vida, com base nos valores e significados que vão adquirindo ao longo dos tempos. Ainda segundo Stuart Hall (1997), a cultura e os elementos que estão associados a ela, adquirem relevância, para interpretar as relações e os comportamentos entre os homens.

À luz do entendimento de que a cultura se origina de valores, símbolos e significados adquiridos ao longo da trajetórias dos homens, é importante destacar que os quilombolas ao mesmo tempo que preservaram em seus territórios símbolos e aspectos da cultura africana, também ao longo dos tempos foram adquirindo outros símbolos e significados próprios do ser quilombola.

Esses aspectos estão impressos no seu modo de vida, no cotidiano, na religiosidade, na relação com a natureza, os quais se constituem e perpetuam de geração em geração. Além disso, eles têm uma forte ligação com a ancestralidade africana.

CULTURA QUILOMBOLA

É importante ressaltar que poucas comunidades conseguiram manter tais culturas ainda como seus antepassados deixaram, enquanto outras sofreram e até hoje têm sofrido transformações.

O que é perceptível, na medida em que avançam as pesquisas sobre o tema, é que cada comunidade tem particularidades, como as manifestações culturais (religiosidade, festas, cantigas, danças, culinária, artesanato, entre outras).



A religiosidade é um aspecto cultural marcante na identidade desses povos, uma vez que ela é permeada por uma mistura de crenças, ora o catolicismo, o protestantismo, ora religiões de matriz africana.

As festas que acontecem nos quilombos são carregadas de símbolos e significados que vão além de um simples evento festivo. É nestes eventos que quebram a rotina do trabalho, celebram encontros e reencontros entre amigos e familiares e, principalmente, reconstroem suas identidades.

Desta maneira, os momentos de festas são misturas de acontecimentos, socialização, práticas de tradições religiosas, momentos para se alegrarem e também para conhecermos suas danças, as músicas e o colorido de suas vestimentas.

Dentre os elementos culturais próprios das comunidades quilombolas, está o artesanato. Os autores Mello e Froehlich (2022) afirmam que “consideramos artesanato como sendo toda atividade produtiva que resultante em artefatos acabados feitos manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais, e que aliem destreza, habilidade e criatividade.”(MELLO; FROEHLICH, 2022, p.79)



Comunidade
Quilombola Lagoa da
Pedra - Foto: Gustavo
Louzada/Instituto
Marlin Azul

Dentre estes aspectos culturais, citamos o artesanato, feito nas comunidades quilombolas, que utiliza os recursos naturais próprios de seus territórios. Como existem comunidades quilombolas espalhadas por todo território brasileiro, o artesanato quilombola se baseia nas características dos recursos naturais de cada região. Os mais utilizados são: madeira, argila, palhas, folhas, capim, sementes e flores. Estes são utilizados na confecção de objetos de decoração, como também utensílios de trabalho, vestimentas e outros.

Outro aspecto cultural que, como já foi citado, é próprio do ser quilombola e que expressa a diversidade cultural nestes espaços é a culinária. Pelo fato também de as comunidades quilombolas estarem espalhadas por todo território brasileiro, os seus hábitos alimentares são formados de acordo com as características da região onde se encontram.

A grande maioria dos alimentos são plantados e cultivados, outros são encontrados na natureza, ou ao seu redor, e são preparados de forma simples, sem muitas elaborações complicadas.

E, assim, a cultura significa todas as maneiras que as pessoas ou grupo de pessoas usam para se expressar, por meio das festas, danças, do artesanato, no modo de viver, com seus hábitos e costumes ou na maneira de ver e viver o mundo. Desta forma, as comunidades quilombolas espalhadas por todo território brasileiro, com suas manifestações culturais, buscam resistir no tempo e lugar, demonstrando força e resistência.

É evidente que um dos muitos usos da teoria no ambiente acadêmico é a produção de uma hierarquia de classes intelectuais, onde as únicas obras consideradas realmente teóricas são as altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler e com referências obscuras. (HOOKS, 2013,p. 89)



4.1 - COMUNIDADE QUILOMBOLA COCALINHO

A comunidade quilombola Cocalinho está localizada no município de Santa fé do Araguaia, na região norte do estado do Tocantins, a 11km da sede do referido município. Recebeu o certificado de comunidade remanescente de quilombo em 2006, pela Fundação Cultural Palmares, sendo composta na época por 129 famílias.

A origem da comunidade está relacionada a um processo migratório, por um grupo de pessoas negras. Conforme Pinheiro (2020),

É uma comunidade negra e rural, formada por descendentes de escravos. Teve sua origem por volta da década de sessenta com várias famílias migrando do Maranhão para o norte do antigo Goiás (PINHEIRO 2020 ,p 70).

Para o autor, e também de acordo com publicações sobre a referida comunidade, o ponto central no processo de formação dela são relatos da migração do estado do Maranhão para o antigo norte goiano.



Comunidade
Quilombola
Cocalinho, dança
Lindô - Foto: Ninho
Cultural

Em relação à economia, o autor Pinheiro (2020) aponta que uma das principais atividades econômicas da comunidade é a agricultura de subsistência,

As principais produção da lavoura é o milho, arroz, mandioca e feijão.(...) criam galinha e porco, que servem tanto para o consumo quanto para gerar uma renda extra, pois eles também vendem no comércio local. (PINHEIRO, 2020 , p. 72)

Além da agricultura de subsistência, existe outra atividade praticada na comunidade, o extrativismo, na qual os moradores fazem a coleta do coco babaçu encontrado em abundância na região, e também a mamona, para a extração de óleos.

No que se refere às manifestações culturais desta comunidade, há as festas, por exemplo, o Dia da Consciência Negra em 20 de novembro e o 13 de maio que são os principais eventos realizados pela comunidade. Nesses eventos, várias tradições, como a dança Lindô, são celebradas pelos moradores durante os eventos.

A dança do Lindô “trata-se de uma dança de roda, dançada em pares, onde a quantidade de participantes é definida de acordo com o espaço de realização da dança.” (SUDRÉ; CALDEIRA; SIARES, 2022, p. 259).



Comunidade
Quilombola
Cocalinho, dança
Lindô - Foto: Ninho
Cultural



As autoras Sousa e Andrade(2022) explicam que o Lindô

É constituído por uma dualidade com dança e canto, semelhante à dança de roda, mas com representação de pisadas e cantos que revelam traços da religiosidade, do cotidiano da vida rural, além da história de vida e da luta dos afro-brasileiros. (SOUSA; ANDRADE,2022, p 96).

Outra expressão que faz parte das manifestações culturais desta comunidade é a culinária. A comunidade ainda prepara pratos típicos, os quais em sua maioria pelas mãos dos mais velhos. São pratos que não são muito presentes no cotidiano da comunidade, apenas nos momentos festivos, como por exemplo o bolo de puba, "(...) um destes pratos típicos de Cocalinho é o bolo de puba assado na pedra, preparado apenas na Semana Santa".(SUDRÉ; CALDEIRA; SIARES, 2021, p.10). Este bolo não segue a lógica cartesiana de medidas padronizadas de ingredientes e tempo de preparo, pois é feito a partir da lógica e conhecimento herdados de seus ancestrais.

Estas manifestações culturais praticadas nas festividades religiosas, com suas danças e cantos, e na culinária contribuem para o fortalecimento da cultura desse grupo, contribuindo com a valorização e o reconhecimento de sua cultura e identidade.



Comunidade
Quilombola
Cocalinho, Bolo de
Puba - Foto: Emerson
Silva / Governo do
Tocantins

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade, temos de reconhecer que nosso estilo de ensinar tem de mudar. (HOOKS, 2013, p. 51)

4.2 - COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO DO SÃO JOÃO

A comunidade quilombola Morro do São João está localizada no município de Santa Rosa, região Sudeste do estado do Tocantins, a 34 km da sede do município. Recebeu a certificação como sendo Comunidade Remanescente de Quilombo no ano de 2006, pela Fundação Cultural Palmares. Segundo Silva (2021), a comunidade possui 38 famílias formadas por 270 pessoas.

Em relação aos aspectos históricos da comunidade, sua origem está em torno de uma doação de terras por parte de um padre a uma escrava,

(...) o povoado existe há mais de 200 anos, e foi formado pelos descendentes do senhor Victor de Sena Ferreira, fruto do relacionamento entre a escrava Pelonha e o Padre Bernardino de Sena Ferreira, na época pároco da diocese de Goiás Velho, comarca de Natividade (SANTOS, 2020, p. 21).

Esse relato de doação das terras da comunidade é mencionado também pelos autores Souza e Chaveiro (2019). Para eles, a comunidade é, “uma comunidade negra rural cuja formação remete a terras doadas por testamento a descendentes da relação entre um padre e uma escrava, no século XIX”. (SOUZA; CHAVEIRO, 2019, p.7).



Comunidade
Quilombola Morro do
São João, Dança do
Congo - Foto: Emerson
Silva / Governo do
Tocantins





Comunidade
Quilombola Morro do
São João, Dança do
Congo - Foto: Emerson
Silva / Governo do
Tocantins



A Secretaria do Planejamento e Orçamento - SEPLAN (2016), por meio do Diagnóstico da Dinâmica Social e Econômica do estado do Tocantins, no tópico Populações Tradicionais, informa que a maior parte da atividade econômica nesta comunidade consiste na agricultura de subsistência com o plantio de milho, mandioca, feijão, arroz, abóbora, batata-doce e mandioca, e em pequenas criações de animais (bovinos, porcos, e galinha) também na lógica da subsistência.

Quanto às manifestações culturais desta comunidade, destacam-se as festas religiosas, especialmente a celebração da festa das Santas Almas Benditas, com o ritual dos Congos. Este é um evento importante nesta celebração. Segundo afirma Santos (2020), o ritual é realizado

(...) através de danças e cantigas típicas das ancestralidades africanas, apresentadas no percurso da igreja ao “campo santo” (cemitério) do Quilombo, (...) com cânticos, louvor e respeito aos seus antepassados de descendência africana, que viveram há muitos anos no Quilombo. (SANTOS, 2020, p. 12).



Comunidade
Quilombola Morro do
São João, Dança do
Congo - Foto: Emerson
Silva / Governo do
Tocantins



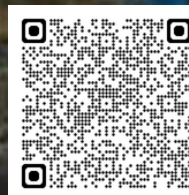
Estas manifestações culturais na Comunidade Quilombola Morro São João, assim como em outras comunidades, trazem a importância de um legado que é transferido de geração em geração e que resiste até os dias atuais.

4.3 - COMUNIDADE QUILOMBOLA MUMBUCA

A Comunidade Quilombola Mumbuca está localizada no município de Mateiros, região conhecida como Jalapão. Foi reconhecida e certificada em 2006 pela FCP, é composta por 52 famílias, fica a uma distância de 35 km da sede do município de Mateiros e a 360 km da capital Palmas.

Segundo informações contidas no Relatório Antropológico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a comunidade se formou a mais ou menos 250 anos atrás, sua origem está ligada à fuga de negros escravizados do sistema escravocrata, de senzalas no estado da Bahia. (INCRA, 2006, p. 6).

A autora Mota (2022) também compartilha esta ideia de fuga. Segundo ela, a população da comunidade quilombola Mumbuca, "(...) a maioria pertence à uma linhagem de pessoas escravizadas fugidas, migrantes da Bahia, que entre o século XIX e XX chegaram à região." (MOTA, 2022, p. 2).



Comunidade
Quilombola
Mumbuca,
Artesanato com
Capim Dourado -
Foto: SkyscraperCity /
Conexão Tocantins





Comunidade
Quilombola Mumbuca,
Artesanato com Capim
Dourado - Foto:
Skyscrapercity /
Conexão Tocantins



No que se refere a atividades econômicas, Pereira (2012,p. 124) aponta que “a Comunidade Mumbuca utiliza todo o seu território para desenvolver as atividades de produção de alimentos (agricultura, criação de animais e extrativismo)”. Uma das alternativas do extrativismo praticado na comunidade é o artesanato, com destaque principal para a coleta de fios de capim dourado e da seda do Buriti.

De acordo com Cavalcante (2018),

A história do artesanato com capim dourado da região é indissociável da Comunidade Mumbuca, tendo como engrenagem propulsora a Dona Miúda, à época matriarca da Comunidade e uma liderança política forte[...]. (CAVALCANTE, 2018, p. 54)

O artesanato produzido através do trançado do capim dourado com a corda retirada do buriti se transforma em diversos objetos, sendo eles de decoração e também de utilização doméstica.

Além do artesanato com o capim dourado, comunidade confecciona também instrumentos musicais com a tala do buriti, por exemplo, as violas de buriti.



Comunidade
Quilombola
Mumbuca, Viola de
Buriti - Foto: Nayla
Oliveira

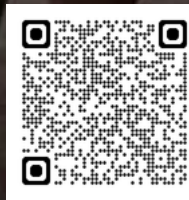


4.4 - COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRA DA AROEIRA

A Comunidade Quilombola Barra da Aroeira está localizada no município de Santa Tereza do Tocantins, distante 86 km da capital Palmas. Foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente quilombo no ano de 2006.

De acordo com as publicações, a história da origem desta comunidade está ligada a uma circunstância que ocorreu na guerra do Paraguai, no período de 1854 a 1870, como podemos observar na fala de Amaral (2017),

Os moradores da Barra de Aroeira carregam dentro de si a figura do herói fundador, aquele que lutou na guerra, que venceu e que conquistou a terra, ele é uma forte representação de força e identificação do grupo.(AMARAL, 2017, p. 46)



Comunidade
Quilombola Barra da
Aroeira, Dança do
Lenço - Foto:
turismo.to.gov.br

Esse relato da origem desta comunidade, relacionando sua existência à guerra do Paraguai, também pode ser encontrada nas afirmações da autora Borges (2021) que afirma que:

A Comunidade Quilombola Barra da Aroeira se constitui enquanto grupo étnico com identidade territorial que se originou em 1871, quando Dom Pedro II teria presenteado, com terras, um negro combatente na Guerra do Paraguai, Félix José Rodrigues, existindo, portanto, há 150 anos no mesmo território. (BORGES, 2021, p. 53)

Hoje a comunidade quilombola Barra da Aroeira é formada por várias famílias que partilham da mesma ancestralidade. Para Borges (2021, p. 124) “atualmente a Barra da Aroeira possui cerca de 170 famílias que vivem da agropecuária e do extrativismo.”

No que se refere à atividade econômica, os autores Nunes, Amaral e Alves (2021) declaram que ela se baseia,

(...) sobretudo, na fabricação de farinha de mandioca e derivados. Como atividades econômicas secundárias é possível citar: criação de bovinos para corte; criação de bovinos para produção de leite; criação de suínos; criação de frangos para corte; serviços especializados para construção; comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns. (NUNES; AMARAL e ALVES, 2021, p. 8)

Podemos perceber pelo relato dos autores que esta comunidade é uma das poucas existentes no estado que possui uma atividade econômica diversificada, pois, além das citadas acima, também é praticado o extrativismo, com a coleta do capim dourado para a confecção do artesanato.





Comunidade
Quilombola Barra da
Aroeira, Dança do
Lenço - Foto:
turismo.to.gov.br



Nesta comunidade o festejo religioso de São Domingos de Gusmão representa a manifestação cultural mais expressiva. De acordo com Amaral (2017),

O principal ritual religioso é o Festejo de São Domingos de Gusmão, que acontece todos os anos, entre o final do mês de julho e começo do mês de agosto. Ele é marcado pelas rezas, levante e derrubada do mastro e pelas festas, (...). São nove dias de festa, que possui o caráter religioso, sagrado e também profano, com a comemoração se estendendo noite adentro com as festas dançantes. (AMARAL, 2017, p.75).

Além dos momentos religiosos que ocorrem neste festejo, sua abertura é marcada por duas danças, a dança do lenço e o maculele, que são tradicionais e próprias desta comunidade, de acordo com o site Gazeta do Cerrado (2024),

A “Dança do Lenço”, uma apresentação artística cheia de simbolismo que homenageia os ancestrais que foram os primeiros habitantes da região, é composta por nove membros, três bandeiras e roupas com as cores que representam a comunidade. (GAZETA DO CERRADO, 2024)



Comunidade
Quilombola Barra da
Aroeira, Dança
Maculelê - Foto:
Flaviana Ox



Nesse sentido, essas manifestações de cunho religioso ou não representam o fortalecimento da tradição cultural e identificação dos moradores desta comunidade, além de reforçar as suas ancestralidades negras.

4.5 - COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra fica no município de Arraias, região Sudeste do estado do Tocantins, a 34 km da sede do município. Recebeu o certificado como Comunidade Remanescente de Quilombo no ano de 2004, pela Fundação Cultural Palmares. Esta comunidade foi a primeira a ser reconhecida e certificada no estado do Tocantins e nela vivem 40 famílias.

De acordo com publicações sobre esta comunidade, sua origem está na doação de uma porção de terras férteis a um casal de escravos, por seus senhores. A partir dessa doação, esse casal convidou parentes e famílias para morar neste local, constituindo assim a comunidade. Esse fato é confirmado pelo autor Tesk (2009) o qual afirma que:

A referida comunidade teve origem no início do século passado, quando Joaquim Evangelista Machado, um provável descendente de escravos, tomou posse de uma gleba de terra que recebeu como doação. (TESK 2009, p. 49).



Comunidade
Quilombola Lagoa da
Pedra, Roda de São
Gonçalo - Foto:
Helena Batista

Em relação à atividade econômica desenvolvida nesta comunidade, os autores Vizolli, Santos e Machado (2012) afirmam que nela

São cultivados uma série de produtos agrícolas (arroz, mandioca, feijão, milho, cana de açúcar, batata doce, melancia, abóbora e árvores frutíferas) e criam-se animais (equinos, suínos, bovinos e aves). Assim, grande parte da alimentação das pessoas é produzida pelas próprias famílias. (VIZOLLI.SANTOS.; MACHADO 2012,p 04)

De acordo com os autores, a sobrevivência da comunidade está na agricultura familiar, por meio da qual eles produzem seu alimento.

Em relação às manifestações culturais presentes nesta comunidade, os autores Vizolli, Santos e Machado(2012) afirmam que (...) o desenrolar do cotidiano na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra é repleto de saberes culturais, determinado pelo modo de ser e viver das pessoas, assim como das relações que estabelecem entre si e com o meio ambiente. (VIZOLLI; SANTOS; MACHADO, 2012, p. 591).

Essas manifestações culturais em sua maioria são de caráter religioso, como as folias de Reis, a folia do Divino e a Roda de São Gonçalo, e a dança Sussia.



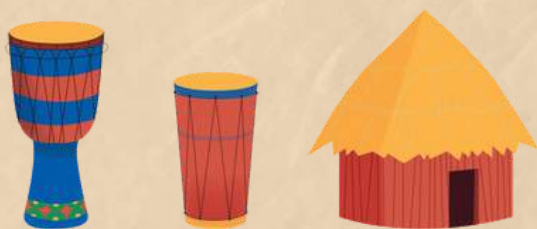
Comunidade
Quilombola Lagoa da
Pedra, Roda de São
Gonçalo - Foto:
Helena Batista



Para Teske (2008), a Roda de São Gonçalo consiste em um evento repleto de simbologia na comunidade. É realizada como pagamento de promessa dos moradores e marcada por aspectos religiosos e sincréticos que representam a dinâmica de preservação das tradições locais. Teske (2013) relata que,

Na comunidade só ocorre a Roda de São Gonçalo por pagamento de alguma promessa, normalmente por duas razões: falta de chuva ou doença. Por outro lado, não é uma manifestação com data fixa, pois sempre irá ocorrer quando a pessoa que fez a promessa resolver pagá-la. (TESKE, 2013, p. 8)

Essas manifestações culturais são fundamentais para a preservação e valorização da identidade cultural dessa comunidade e são transmitidas de geração em geração, tornando-se patrimônio material e imaterial dela.



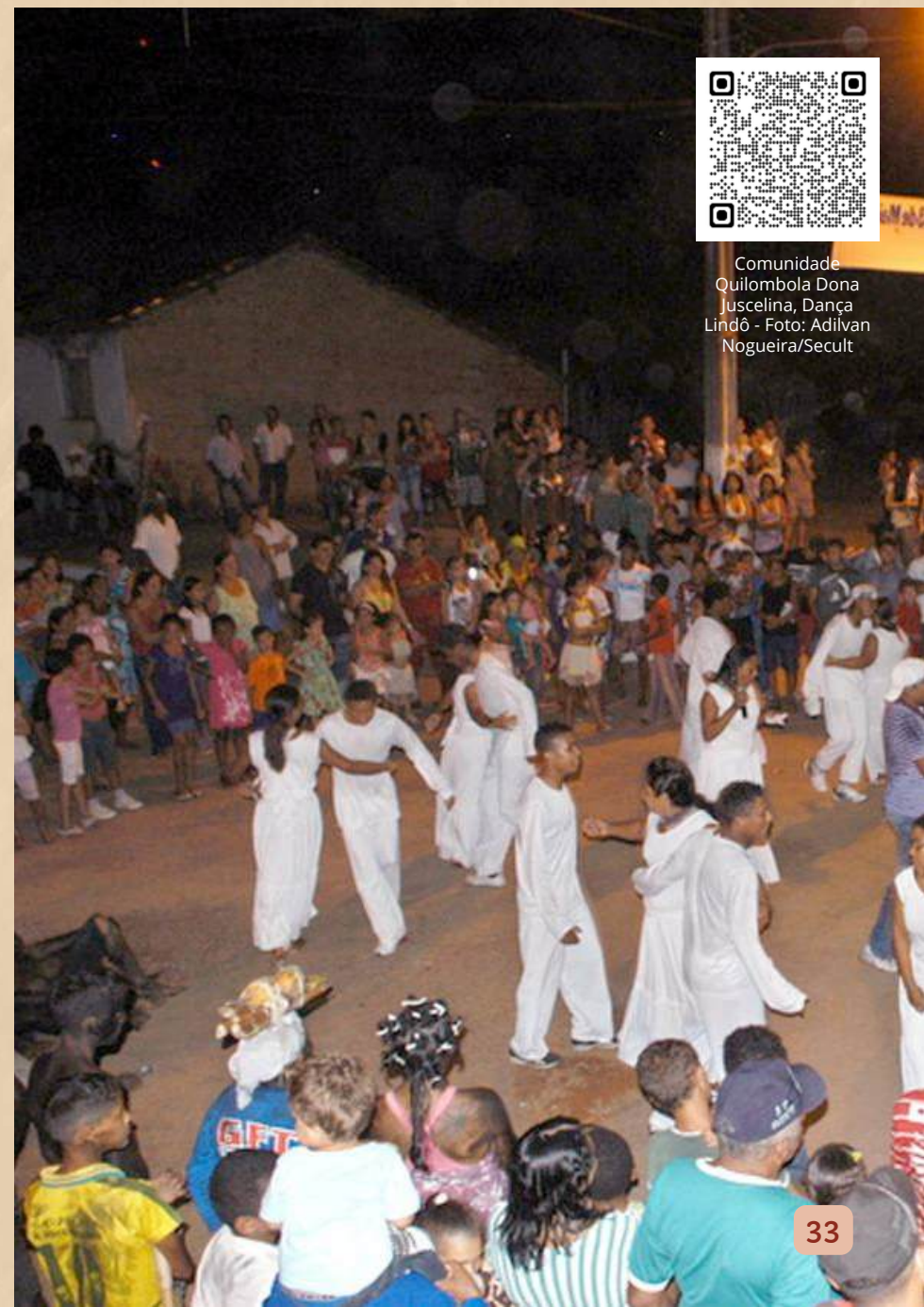
4.6 - COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina está localizada na região norte do estado do Tocantins no município de Muricilândia, dentro do perímetro urbano dele. De acordo com Santos (2018), a comunidade é composta por duzentas e trinta e seis famílias. Ela recebeu o certificado de reconhecimento como uma comunidade remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares no ano 2010, tendo o processo de regularização de suas terras originais ainda em andamento pelo INCRA.

A origem desta comunidade esta ligada ao processo de migração por um grupo de negros para essa região, onde hoje encontra-se o município de Muricilândia. Segundo afirma a autora Santos (2018),

Foi em 1952 que em Muricilândia chegaram os primeiros habitantes, se designando como romeiros e retirantes nordestinos, através de um processo de ajuntamento de pessoas dirigiram-se em rumo ao desconhecido (...) (SANTOS, 2018, p. 64)

Para a autora, esse processo migratório foi movido por um ideal: encontrar terras inexploradas e devolutas, onde o grupo pudesse se estabelecer. Outro autor que também compartilha essa tese de formação da comunidade, a partir de um processo migratório, é o autor Borges (2018), segundo o qual,

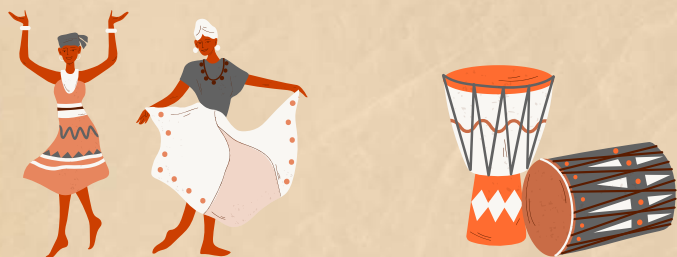


Comunidade Quilombola Dona Juscelina, Dança Lindô - Foto: Adilvan Nogueira/Secult

Conforme o relato dos moradores mais antigos de Muricilândia, a cultura quilombola em Muricilândia, surge com a fundação da cidade em 1952, quando um grupo de oito retirantes nordestinos em sua maioria negros, (...) partem da região de Araguaína abrindo caminhos na direção deste futuro município. (BORGES, 2018, p. 4)

Na fala do autor, percebe-se que a origem desta comunidade está ligada a um processo migratório que ocorreu na região na década de 50.

Uma das principais fontes de renda da comunidade está na agricultura de subsistência com plantações de roças para produção de alimentos. Os moradores praticam também a atividade extrativista, através da coleta do coco-babaçu para a produção de artesanatos. Na comunidade, acontece também a troca e venda de produtos produzidos localmente, possibilitando à comunidade meios de sobrevivência.



As manifestações culturais presentes na Comunidade são marcadas pelas festas religiosas, com danças, e celebrações de cunho afro. De acordo com a autora Santos (2021), a festa religiosa

(...) possui fortes laços com o catolicismo popular sincretizado nas religiões afro-brasileiras presente nas manifestações religiosas, dentre estas, estão as penitências, festa de Santos Reis, do Divino Pai Eterno, Divino Espírito Santo e outras divindades católicas.(...) outro laço cultural forte na comunidade é o Festejo da Abolição da Escravatura (neste evento acontece o seminário, a alvorada, o teatro e o cortejo pelas ruas da cidade), realizado todos os anos no dia 13 de maio desde 1968. O Festejo é um importante marco cultural do quilombo(...) (SANTOS, 2021, p. 16)

Percebe-se que esta comunidade vem ao longo dos tempos preservando e valorizando sua cultura e seu modo de vida, mesmo situada no perímetro urbano da cidade, como Borges (2018) afirma: “Vale ressaltar, que apesar de estar localizada dentro do perímetro urbano de Muricilândia, apresenta fortes traços culturais afrodescendentes característicos que remontam a vida rural”. (BORGES, 2018, p. 5)



Comunidade
Quilombola Dona
Juscelina, Encontro
de Griôs - Foto:
Keliãne Vale



Na comunidade, há também um conselho responsável por manter e transmitir aos mais jovens a cultura da comunidade, como afirma Santos (2021)

(...) o Conselho de Griôs composto por sete anciãos quilombolas, responsáveis por preservar e transmitir os seus saberes e fazeres tradicionais (...) e manutenção das tradições herdadas dos seus ancestrais para que a comunidade não perca o vínculo com o passado e não deixe enfraquecer suas manifestações. (SANTOS, 2021, p. 9)

Percebe-se que os mestres griôs, como são chamados, têm um papel importante e significativo para todos, assim também como a matriarca.

Desta forma essas manifestações culturais praticadas nesta comunidade contribuem para o fortalecimento das relações identitárias de seus moradores e também possibilitam a reprodução do que aprenderam para as gerações futuras e criam outras formas, outras ressignificações de saberes.



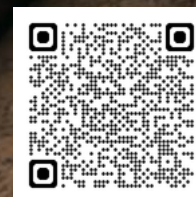
Comunidade
Quilombola Dona
Juscelina, Dança
Lindô - Foto: Adilvan
Nogueira/Secult



5 - PROCESSO DE RECONHECIMENTO E CERTIFICAÇÃO

Neste tópico, de forma resumida, destacamos os passos para que vocês conheçam o processo de reconhecimento, certificação e titulação de um território quilombola.

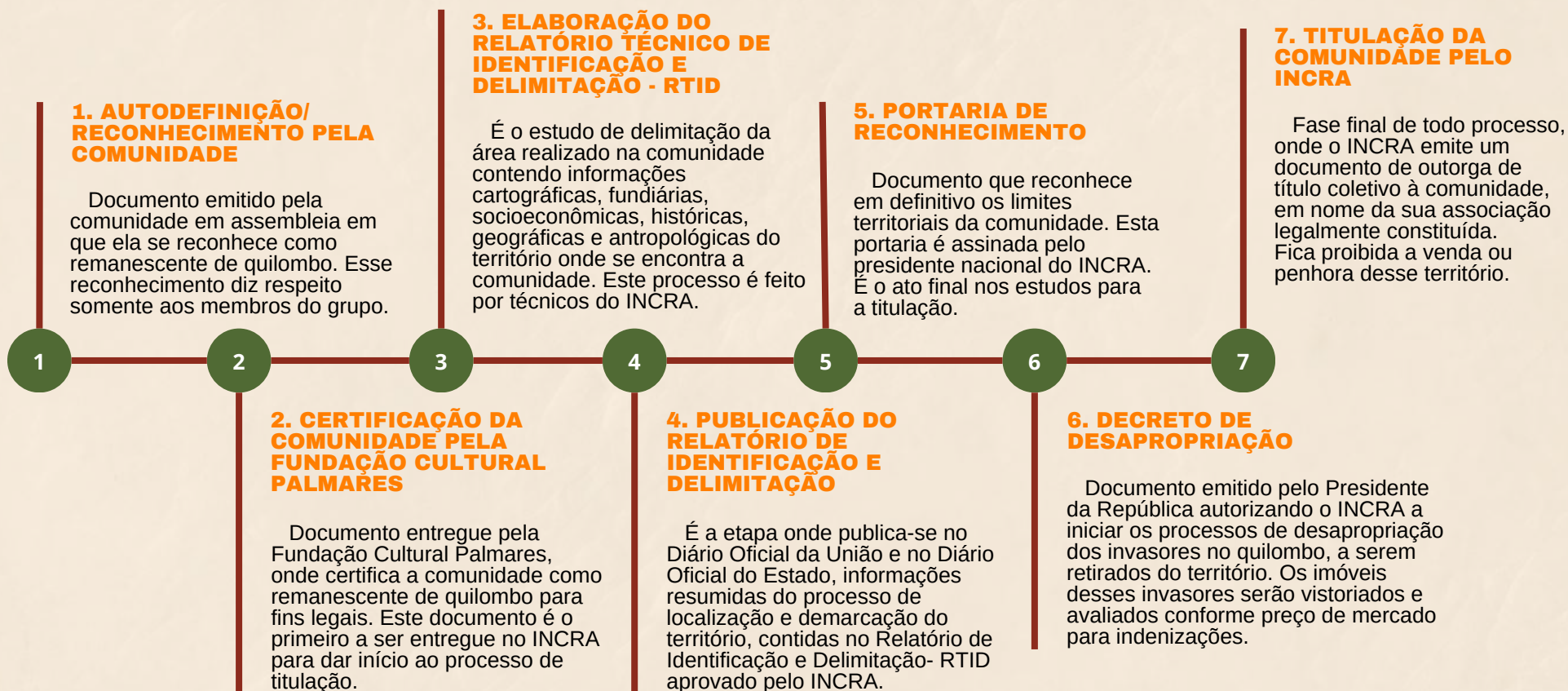
As informações foram extraídas dos sites das duas instituições do Governo Federal responsáveis por estes procedimentos: a Fundação Cultural Palmares e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA.



Comunidade
Quilombola Lagoa
da Pedra - Foto:
Gustavo
Louzada/Instituto
Marlin Azul



RECONHECIMENTO E CERTIFICAÇÃO DE UM QUILOMBO / PALMARES E INCRA



Ao longo de meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. (HOOKS, 2013, p. 25)



6 - DIREITOS PARA OS QUILOMBOLAS

As comunidades quilombolas buscam cada vez mais o reconhecimento de seus direitos legais, a titulação definitiva de seus territórios, o respeito e a valorização de suas manifestações culturais e as garantias de suas atividades de subsistência pautadas na sustentabilidade.

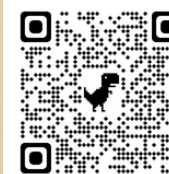
Em razão disso, o governo brasileiro vem reconhecendo tais direitos e implementando políticas públicas específicas para atender a esta população. Veja, abaixo, o conjunto das principais leis, decretos e portarias que atendem a tais solicitações.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988

ATO DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Saiba mais!
Acesse o
documento na
íntegra.



Comunidade
Quilombola Kalunga
do Mimoso - Foto:
Paulo Rogerio
Gonçalves (APA-TO)



DA CULTURA

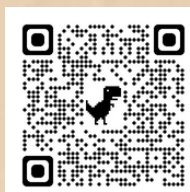
Art. 215.

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Saiba mais!
Acesse o documento na íntegra.



Art. 216.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.



Comunidade
Quilombola Baião,
Almas TO - Foto:
Conexão Tocantins



ACORDO INTERNACIONAL

Convenção nº 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes.



INSTRUÇÃO NORMATIVA



Instrução Normativa Incra nº 128, de 30 de agosto de 2022 - Esta Instrução normativa define critérios e procedimentos administrativos e técnicos para a edição da Portaria de Reconhecimento e de decreto declaratório de interesse social, avaliação de imóveis incidentes em terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos.

PORTARIAS

Portaria FCP nº 75, de 5 de abril de 2023 - Esta Portaria institui Grupo de Trabalho para elaborar proposta de ato normativo que instituirá o Cadastro Geral de Remanescente dos Quilombos e estabelecerá os procedimentos para expedição da Certidão de Autodefinição na Fundação Cultural Palmares.



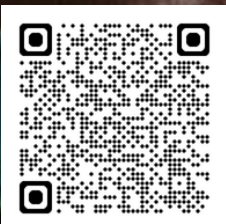
Portaria Iphan nº 135, de 20 de novembro 2023 - Esta Portaria dispõe sobre a regulamentação do procedimento para a declaração do tombamento de documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Portaria ICMBio nº 16, de 12 de janeiro de 2024 - Esta portaria institui Comitê de Acompanhamento e Implementação do Programa Aquilomba Brasil para propor plano de ação para implementação da Política de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola no âmbito do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio.



Livro Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares - Foto: DPE-TO/Loise Maria e Silva





Comunidade
Quilombola Lagoa
da Pedra - Foto:
Gustavo
Louzada/Instituto
Marlin Azul

DECRETOS



DECRETO Nº 4.887 DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003 - Este Decreto regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

DECRETO Nº 6.040 DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007 - Este Decreto Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.



DECRETO Nº 11.447 DE 21 DE MARÇO DE 2023 - Este Decreto Institui o Programa Aquilomba Brasil e o seu Comitê Gestor, no âmbito da administração pública federal, com a finalidade de promover medidas intersetoriais para a garantia dos direitos da população quilombola no País.

Decreto nº 11.786, de 20 de novembro 2023 - Este Decreto Institui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola e o seu Comitê Gestor.



7 - SUGESTÕES PARA AS DISCIPLINAS CURRICULARES

O conhecimento pautado na História, Literatura e Artes locais apresenta um caráter estratégico, uma vez que oferece uma valiosa contribuição no estudo das questões étnicas, raciais, sociais, artísticas, linguísticas e culturais de uma determinada localidade.

Desta forma, este trabalho pretende contribuir para que instituições de ensino, em especial o IFTO/ Campus Palmas, conheça possibilidades de um ensino em consonância com a realidade social e cultural da região, com vista à formação crítica, ativa e intercultural de seus alunos.

Apresentamos, a seguir, uma sequência de sugestões de conteúdos referentes à temática quilombola para serem incluídos nas referidas disciplinas.



Comunidade
Quilombola Kalunga do
mimoso Foto:
Observatório da
Educação do Campo e
Quilombola da UFT



HISTÓRIA

COMPONENTE DA EMENTA

O império colonial português; A colonização da América espanhola; O Atlântico negro: O tráfico de escravos e as relações comerciais com a África; A mineração na América portuguesa; As Treze Colônias e a formação dos EUA; O Iluminismo; Das Revoluções Inglesas à Revolução Industrial; Revolução Francesa; Independência das colônias espanholas; O processo de independência da América portuguesa; Sociedade e cultura no século XIX; A resistência do movimento operário; A monarquia brasileira; **História Regional – Tocantins: Consolidação do povoamento e a luta pela autonomia do norte goiano.** Enfoque do currículo integrado: Cidade e relações sociais, com ênfase nos eventos como espaços de afirmação de relações de poder; História aplicada à área tecnológica do curso.



Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer o aprendizado uma experiência de inclusão.
(HOOKS, 2013, p. 51)



História Regional – Tocantins: Consolidação do povoamento e a luta pela autonomia do norte goiano. (Com perspectivas para as contribuições históricas, sociais e culturais dos povos indígenas, que já estavam no estado/país e os africanos escravizados que para ele foram trazidos, dando origem aos quilombos.)

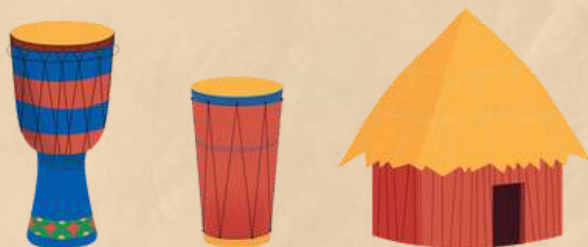
OBJETIVOS

- 1 - Conhecer a história, origens e características dos quilombos no Brasil.
- 2 - Discutir sobre o significado do termo quilombo no passado e na contemporaneidade.
- 3 - Compreender o que é ser quilombola, sujeito constituinte de sua própria história, através de lutas, resistências e organização.
- 4 - Identificar as diversas formas e estratégias de sobrevivências tanto econômicas, sociais e culturais dos quilombos em seus territórios.

LITERATURA

COMPONENTE DA EMENTA

Conhecimentos linguísticos e habilidades de leitura e produção de textos orais e escritos. Autores e obras do Humanismo, da Renascença e do Classicismo ocidental e português; Quinhentismo brasileiro; Barroco e Arcadismo na literatura ocidental e, em especial, no Brasil e em Portugal.



A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional, e por um sem número de outras diferenças. (HOOKS, 2013, p.174)



Conhecimentos linguísticos e habilidades de leitura e produção de textos orais e escritos. (Inclusão de abordagens linguísticas e de habilidades de produção de textos orais e escritos dos povos indígenas que já estavam no estado/país e dos africanos escravizados que para ele foram trazidos, dando origem aos quilombos).

OBJETIVOS

- 1 - Estudar sobre a importância da oralidade e da memória na construção da identidade quilombola.
- 2 - Identificar manifestações culturais presentes na poesia, na musicalidade e nos versos produzidos nas comunidades quilombolas.
- 3 - Estudar sobre a história, produção e valorização dos contos na construção da cultura quilombola.
- 4 - Reconhecer e valorizar aspectos linguísticos próprios da cultura quilombola que são preservados em alguns quilombos.

ARTES

COMPONENTE DA EMENTA

Introdução à Arte. Um estudo sobre as diversas linguagens artísticas e sua importância para a vida cotidiana, com ênfase na linguagem musical. Artes articuladas com a formação específica.

Temas transversais.



Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. (HOOKS, 2013, p. 175)



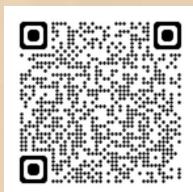
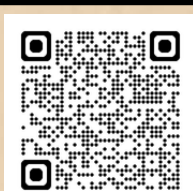
Temas transversais. *(Inclusão de temas com abordagens artísticas, e culturais dos povos indígenas, que já estavam no estado/país e dos africanos escravizados que para ele foram trazidos, dando origem aos quilombos).

OBJETIVOS

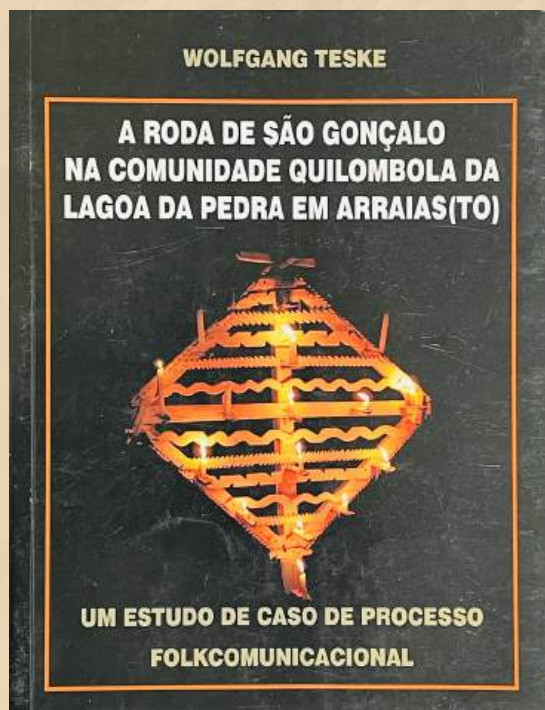
- 1 - Conhecer as diversas manifestações artísticas e culturais produzidas nas comunidades quilombolas, como forma de resistência (musicalidade, dança, culinária, artesanato e outras)
- 2 - Reconhecer e valorizar o sincretismo religioso na construção da cultura e identidade quilombola.
- 3 - Identificar a influência da arte africana na formação da nossa sociedade, presente nas danças, na culinária, nas vestimentas, na religião etc.

8 - TRABALHOS PUBLICADOS SOBRE AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

LIVROS COM ACESSO DIGITAL

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Identidade e Territorialidade na Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente-Tocantins	Rita de Cássia Domingues Lopes	
Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares	Defensoria Pública/Tocantins	
Quilombolas da Malhadinha: a construção de uma realidade social	Francisco Patrício Esteves	
Identidade, memória e propriedade quilombola	Jéssica Painkow Rosa Cavalcante	

LIVROS SEM ACESSO DIGITAL

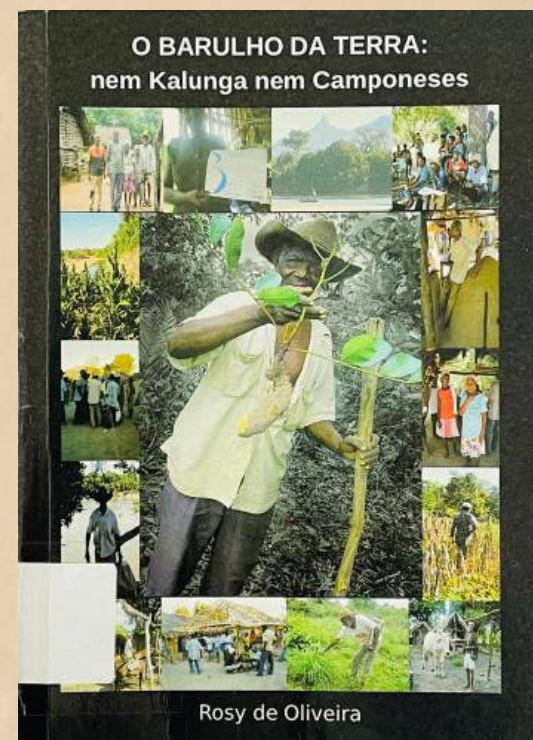


A roda de São Gonçalo na comunidade quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO): Um estudo de caso de processo folkcomunacional

Autor: Wolfgang Teske

O barulho da terra: nem Kalunga nem Camponeses

Autora: Rosy de Oliveira





O conselho de Griôs: Quilombo Dona Juscelina

Autores: Manoel Filho Borges e Lucelina Gomes dos Santos

Sociabilidades Negras: Comunidades Remanescentes, Escravidão e Cultura

Autores: Antônio Liberac Cardoso Simões Pires e Rosy de Oliveira (Orgs.)





Em busca do quilombo: memória, território e sentimento étnico em Cocalim.

Autor: Gerson Alves de Oliveira

FAMÍLIAS QUILOMBOLAS: história, resistência e luta contra a vulnerabilidade social, insegurança alimentar e nutricional na Comunidade Mumbuca - Estado do Tocantins

Autora: Ana Lúcia Pereira



TESES

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
O barulho da terra: nem Kalunga nem camponeses	Rosy de Oliveira	
Minha viola é de buriti: uma etnomusicologia aplicada-participativa-engajada sobre a musicalidade no quilombo Mumbuca, no Jalapão (TO)	Marcus Facchin Bonilla	
Comunidades remanescentes de quilombo em Paranã-Tocantins: educação escolar, história, memória, cultura e narrativas	Maria Edimaci Teixeira Barbosa Leite	
Geopoesia kalunga: identidades territoriais da comunidade quilombola do Mimoso - Tocantins	Elizeth da Costa Alves	
A toponímia das comunidades quilombolas do Tocantins	Rodrigo Vieira Nascimento	

TESES

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Entre o vivido e o sentido na escola: uma experiência formativa na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, TO.	Solange Aparecida do Nascimento	
Identidade quilombola, mineração e novas tecnologias: uma análise folkcomunicacional da comunidade Lagoa da Pedra, Arraias-To	Wolfgang Teske	
Entre o nomos e o nome: o discurso identitário na comunidade quilombola de Malhadinha (Tocantins – Brasil)	Ariel Elias do Nascimento	
Uma visita nunca é só uma visita receptividade, política e amizade na comunidade quilombola Malhadinha – To	Daniella Santos Alves	
DAS VEREDAS ÀS VITRINES: entre o saber-fazer das artesãs e o design do capim-dourado na Comunidade Quilombola Mumbuca do Tocantins	Caio Monteiro Melo	

DISSERTAÇÕES

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Cultura quilombola: comunidade e assistência social na Ilha São Vicente	Jean Bezerra da Silva	
Do passado ao presente: a festa 13 de maio da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO	Katiane da Silva Santos	
Atuação das mulheres na comunidade quilombola de Cocalinho Município de Santa Fé do Araguaia - TO um comum feminino	Cristiane Dias da Silva	
As territorialidades da juventude na comunidade quilombola Barra de Aroeira, em Santa Tereza do Tocantins - TO	Glaucia Bastos do Amaral	
Saberes socioambientais associados à Educação Escolar Quilombola na comunidade do Mumbuca, Jalapão/TO	Ronaldo Andrade dos Santos	

DISSERTAÇÕES

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Brincadiquê: brinquedos e brincadeiras no quilombo de Lajeado	Laurenita Gualberto Pereira Alves	
A comunidade quilombola Córrego Fundo no Município de Brejinho de Nazaré – TO	Kátia Maria Carvalho de Moraes Marques	
“Agora nós é quilombo, mais nossa raiz é a mesma”: de campesinato a território quilombola, a história narrada da Barra da Aroeira	Maria Helena Borges	
Comunidades quilombolas no Jalapão – TO, e os territórios e identidades territoriais: carrapato, formiga e ambrósio	Jonathas Adonias Xavier	
Resiliência e reconhecimento em neocomunidades: o caso da comunidade quilombola Morro de São João-TO	Elaine Aparecida Toricelli Cleto	

DISSERTAÇÕES

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Comunidade quilombola Morro São João no Município de Santa Rosa do Tocantins: memórias e território	Nayara Kallinne Cândido dos Santos	
Protagonistas de sua história: territorialidades femininas da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO	Elaine da Silva Sousa	
Territórios e trajetórias socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – Tocantins	Marcos Antonio Pereira Neto	
Comunidade remanescente quilombola Ilha de São Vicente/Tocantins: história de lutas, conquistas e conflitos	Cristina de Sousa Fonseca Almeida	
Os desafios da atuação docente na comunidade quilombola de Chapada da Natividade – TO	Maria de Jesus Pereira dos Santos	

DISSERTAÇÕES

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Vozes dissonantes na literatura oral de Araguatins - Tocantins: memórias quilombolas na Ilha de São Vicente	Alex montel de sousa	
Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão-TO	Ana Claudia Matos da Silva	
Regularização territorial do quilombo Mumbuca: identidade e memória como fundamento da propriedade quilombola	Jéssica Painkow Rosa Cavalcante	
Memórias e trajetórias formativas de jovens universitários da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins/ Tocantins.	Elma Vital da Silva	

ARTIGOS

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias (TO) e seu Patrimônio Imaterial	Wolfgang Teske	
Cantigas de lindô na comunidade remanescente de quilombola Cocalinho: uma “pisada boa”	Jane Guimarães Sousa Karylleila dos Santos Andrade	
Memória, processos de identificação cultural e desobediência epistêmica na/da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente em Araguatins-TO	Alex Montel de Sousa	
A comunidade quilombola Dona Juscelina (Muricilândia - TO): inventário, turismo e educação patrimonial	Khalla Ribeiro Tupinambá Ivanise Borges Souza	
As contradições entre a realidade socioeconômica da comunidade quilombola Mimoso do Kalunga e a garantia dos direitos legais de educação e território.	Sandra Regina Evangelista Araújo, Atamis Antonio Foschiera	

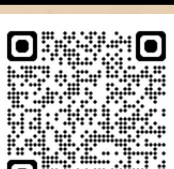
ARTIGOS

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Patrimônio cultural da comunidade quilombola de Barra de Aroeira no olhar docente/discente do curso de pedagogia da UFT.	Denise Aquino Alves Martins	
Educação escolar, território e cultura quilombola: experiencias, pesquisas e vivências	Roberto de Souza Santos	
Culinária tradicional quilombola: expressões culturais e potencialidades turísticas da comunidade Cocalinho -Tocantins	Stephanni Gabriella Silva Sudré, Regiane Caldeira, Tiago Diniz Siores	
Comunidade remanescente de quilombola Ilha de São Vicente: território de memórias, resistências e afeto.	Edna Sousa Cruz Bianca de Sousa Torres	
Interseções entre território e identidade étnica: estudo sobre a comunidade quilombola Barra da Aroeira – TO	Glaucia Bastos do Amaral Carolina Machado Rocha Busch Pereira.	

ARTIGOS

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
O protagonismo das mulheres quilombolas da comunidade Barra da Aroeira em defesa de seu território	Otília Paiva Nunes Leila, Dias Pereira do Amaral, Sérgio Roberto Jorge Alves	
Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a Comunidade Quilombola de Morro de São João, Tocantins	Lucas Barbosa e Souza Eguimar Felício Chaveiro	
O território e a identidade quilombola: o caso da comunidade afrodescendente Mata Grande no Município de Monte do Carmo-TO	Elizeu Ribeiro Lira Olegário B. Ribeiro Neto	
Indicação de uso e ocupação do solo da comunidade quilombola Barra do Aroeira – Santa Tereza do Tocantins - TO	Michele Ribeiro Ramos Matheus Borges do Amorim Olivia de Campos Maia Pereira Andressa Caroline Silva Leitão Gomes	
Verificação da relação com a natureza por parte de uma comunidade quilombola do Tocantins	Mauricio Dias Marques Angélica Gois Morales	

ARTIGOS

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Educação quilombola no polo regional de Porto Nacional – TO : experiências pedagógicas na Comunidade Malhadinha – Brejinho de Nazaré – TO	Roberto de Souza Santos Alyne Gomes De Carvalho	
A identidade carrapiché no processo de ressignificação de quilombo na Microrregião Bico do Papagaio/Tocantins, Brasil	Veríssima Dilma Nunes Clímaco Luís Fernando da Silva Laroque	
Ser quilombola: expressões de identidade quilombola construídas na comunidade Dona Jucelina	Monaliza Borges de Almeida Robenilson Moura Barreto	
Territórios negros no Tocantins: caracterização das comunidades quilombolas no Território Eclesiástico da Diocese de Porto Nacional, Tocantins.	Valdir Aquino Zitzke Josimar Jânio de Sousa Silva	
Identidade quilombola e o reconhecimento do quilombo Raízes no Município de Silvanópolis, Tocantins, Brasil.	Valdir Aquino Zitzke Dorilene Belém Carvalho	

DOCUMENTÁRIOS

TÍTULO	AUTOR(A)	ACESSO
Roda de São Gonçalo - quilombo Lagoa da Pedra- Arraias	Sidinei Madalena	
Comunidade Quilombola Malhadinha	COEQTO Coordenação Quilombola do Tocantins	
Comunidade Quilombola Malhadinha	Prosa e História	
Ilha de São Vicente Comunidade Quilombola	Prosa e História	

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 273)

REFERÊNCIAS

AMARAL, Glaucia Bastos do. **As Territorialidades da Juventude na Comunidade Quilombola Barra de Aroeira, em Santa Tereza do Tocantins – TO**. Mestrado(acadêmico). Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, Campus Porto Nacional. Porto Nacional, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/870/1/GI%3a1ucia%20Bastos%20do%20Amaral%20-%20Disserta%3a7%c3a3o.pdf>. Acesso em : 21/01/2023

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial**: vivências escravistas em Arraias, (1739-1800) Goiânia: kelps, 2000.

ARRUTI, José Maurício. Mocambo. **Antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc, 2006. 370 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
Acesso em : 04/09/2023.

BRASIL. **Programa Brasil Quilombola**: diagnóstico das ações realizadas. Brasília: SEPPIR, 2005. Disponível em : <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/2149/1/Integra%C3%A7%C3%A3o%20de%20dados%20do%20Programa%20Brasil%20Quilombola%20%28PBQ%29.pdf>. Acesso em : 03/08/2022.

BRASIL. Decreto Federal Nº 4.887 de 20/11/2003. Disponível
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 13/02/2024.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 11/02/2024.

BRASIL. Decreto nº 11.447, de 21 de Março de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11447.htm. Acesso em: 22/06/2023.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 11.786, de 20 de Novembro de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11786.htm#:~:text=D11786&text. Acesso em: 07/11/2023.

BORGES, Maria Helena. **“Agora nós é quilombo, mais nossa raiz é a mesma”: de campesinato e território Quilombola, A história narrada da Barra da Aroeira.** Mestrado (profissional). Universidade Federal do Tocantins. Câmpus de Porto Nacional. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas. Porto Nacional -TO. 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/3669/1/Maria%20Helena%20Borges%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 17/03/2023.>

BORGES. Aristóteles Franklyn Chaves. **O festejo da abolição na comunidade quilombola Dona Jucelina/Muricilandia-TO: o turismo cultural e patrimônio imaterial.** Dissertação (Mestrado), Tecnologia em Gestão de Turismo, Universidade Federal do Tocantins – Campus universitário de Araguaína, ARAGUAÍNA-TO 2018. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/4834/1/ARYST%C3%93TELES%20FRANKLYN%20CHAVES%20BORGES%20-%20TCC%20-%20TURISMO.pdf. Acesso em: 08/12/2023>

CANDAU. Vera Maria. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos.** 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12/12/2023.>

CAVALCANTE. Jéssica Painkow Rosa. **Regularização territorial do quilombo Mumbuca: identidade e memória como fundamento da propriedade quilombola.** Dissertação(mestrado), Pós-Graduação Stricto Sensu em Direitos Humanos, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstreams/d90f85ce-b221-41a2-a9ea-8f1bde5bc2e3/download. Acesso em: 18/09/2023.>

REFERÊNCIAS

CONVENÇÃO n.169 Sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT. 2011. Brasília: OIT. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_169_OIT.pdf. Acesso em: 02/03/2024.

FARIAS; Marizeth Ferreira de; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **As Mulheres do Quilombo Lagoa da Pedra e a dança Roda de São Gonçalo**: fragmentos de Cultura. 2016. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4720/2646>. Acesso em: 13/12/2023

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013.

IBGE. **População Palmas-Tocantins**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/palmas/panorama>. Acesso em: 07/12/2023

KARASCH, M. Os quilombos de ouro na capitania de Goiás. REIS, J. J.; GOMES, F. S. (org). In: **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 4. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de Lopes. **Experiências históricas dos quilombolas no Tocantins**: organização, resistência e identidades. 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/116/518>. Acesso em: 09/11/2023

MELLO. Carolina Iuva de . FROELICH. José Marcos. **Território feito à mão**: o artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/4885/4194>. Acesso em : 25/08/2023

REFERÊNCIAS

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 5ª ed. - Teresina : EdUESPI, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do Quilombo na África**, 1996. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364/30222>. Acesso em: 22/ 01/2023.

MOTA, Alice Agnes Spíndola. **Infrapolítica no quilombo de Mumbuca, no Tocantins**: negociação e resistência no processo de elaboração de um termo de ajustamento de conduta. 2024. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/55970/35966>. Acesso em: 15/04/2023.

NUNES, Otília Paiva; AMARAL, Leila Dias Pereira do; ALVES, Sérgio Roberto Jorge. **O Protagonismo das mulheres quilombolas da Comunidade Barra da Aroeira em defesa de seu território**. 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5521/3479>. Acesso em: 23/05/2023.

PEREIRA, Ana Lúcia. **Famílias quilombolas**: história, resistência e luta contra a vulnerabilidade social, insegurança alimentar e nutricional na Comunidade Mumbuca – Estado do Tocantins. Doutorado (acadêmico). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara/SP, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/b13ef5a8-5335-4032-bf21-a1aff9a9b4b1/content>. Acesso em: 25/11/202.

PINHEIRO. Ailki de Souza. **A atuação do sistema de justiça na efetivação do direito fundamental à territorialidade das comunidades quilombolas tocaninenses**. (Relatório Técnico) Pós-Graduação Stricto Sensu.

UFT.Palmas, 2020. Disponível Em:

<https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2067/1/Ailk%20de%20Souza%20Pinheiro%20-%20Disserta%20a7%20a3o.pdf>. Acesso em: 20/09/2021.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil . São Paulo, Cia das Letras, 1996.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Nayara Kallinne Cândido dos. **Comunidade Quilombola Morro São João no município de Santa Rosa do Tocantins: memórias e território**. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal do Tocantins. Campus Universitário de Porto Nacional. Programa de Pós-graduação em Geografia. Porto Nacional, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2059/1/Nayara%20Kallinne%20C%C3%A2ndido%20dos%20Santos%20Abentroth%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 14/05/2023.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006 – Coleção Primeiros Passos.

SANTOS, Katiane da Silva. **Do passado ao presente: a festa 13 de maio da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-To**. Dissertação (mestrado acadêmico).

Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território. Disponível em : <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1647/1/Katiane%20da%20Silva%20Santos%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17/06/2023.

SANTOS, Mayana Fernandes dos. **Os laços culturais e a organização social como fatores para o desenvolvimento da comunidade Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. Artigo apresentado à UFT- Universidade Federal do Tocantins – Campus universitário de Araguaína para obtenção de título de graduação. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/4962/1/MAYANA%20FERNANDES%20DOS%20SANTOS%20-%20TCC%20-%20COOPERATIVISMO.pdf>. Acesso em: 23/08/2023.

SOUZA, Lucas Barbosa; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a Comunidade Quilombola de Morro de São João, Tocantins**. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/42482/25855>. Acesso em: 22/08/2022.

REFERÊNCIAS

SOUSA, Jane Guimarães; ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Cantigas de lindô na comunidade remanescente de quilombola de Cocalinho**: uma "pisada boa". 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/39027/26334>. Acesso em: 23/08/2023.

SUDRÉ, Stephanni Gabriella Silva; CALDEIRA, Regiane Culinária; SIARES, Tiago Diniz. **Culinária Tradicional Quilombola**: expressões culturais e potencialidades turísticas da Comunidade Cocalinho -Tocantins. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/15960/9696>. Acesso em: 18/09/2022.

TESKE, Wolfgang. **Comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias (TO) e seu patrimônio imaterial**. 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2746/1672>. Acesso em: 03/12/2022.

TESKE, Wolfgang. **A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola Lagoa da Pedra em Arraias (TO)**: um estudo de caso de processo folkcomunicacional. Goiânia: Kelps, 2008.

TOCANTINS. **Zoneamento Ecológico-Econômico. Diagnóstico da Dinâmica Social e Econômica do Estado do Tocantins**. Rede de Cidades. Palmas. Seplan, 2016. Disponível em: http://www.amazonia.cnpia.embrapa.br/publicacoes_estados/Tocantins/Norte/Rel_RedeCidades.pdf. Acesso em: 20/06/2022.

VIZOLLI, Idemar; SANTOS, Rosa Maria Gonçalves; MACHADO, Renato Francisco. **Saberes Quilombolas**: um estudo no processo de produção da farinha de mandioca. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/LM5VKtbPWQSbVdnFcb5pjZs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22/06/2022.